

Academia Matogrossense de Letras

Cadeira Nº 27

**Patrono: José Barnabé de Mesquita
(Sênior)**

(*7/03/1855-Diamantino †12/08/1892-Cuiabá)
Mato Grosso

1º Ocupante: **Ana Luiza Prado Bastos**

2º Ocupante: **Ubaldo Monteiro do Silva**
Discurso de Posse em 18 - 11 - 1987

Experimentei já, em outras ocasiões, momentos sensacionais não tanto singulares como estes e que me foram também de estranhas emoções. Para esta solenidade tinha-os imaginado fosse como estou a senti-los, motivo por que, de proêmio, tento registrá-los nestas laudas ao iniciar minha oração.

Sou, e não há negar, o protagonista do espetáculo, com todas as manifestações da crítica convergindo para mim, sem que possa fugir do palco, onde me cumpre encenar a peça prudentemente, para que não decepcione o auditório.

Assim me propus assomar a esta tribuna, onde, por várias vezes, a verve dos poetas e as luzes dos prosadores marcaram, com suas eloquências e grande saber, momentos soleníssimos para esta casa de Barão de Melgaço, na qual quase uma centena de intelectuais ocuparam cadeiras desde 1.921.

SENHORES!

Esta é uma semana destinada ao culto à Bandeira da Pátria e amanhã, o clímax, quando nos quartéis, ao meio dia, o auriverde pendão de nossa terra desliza-se com a driça até o topo do mastro, onde se enfuna e drapeja num alvoroço de agitações, que fará alvoroçar milhões de almas em frêmitos de patriotismo.

Amanhã, em mais de quatro mil cidades brasileiras milhares desses farrapos retangulares, simbolizando esta grande Nação, estarão hasteados nas fachadas das escolas e dos edifícios públicos, engalanando todos os recantos nacionais, pelas imensas regiões desta Amazônia, pelos semi-áridos sertões nordestinos, pelas alterosas de Minas e pelas cidades e vilas das fraldas da Serra do Mar, até assomar-se na lindíssima Guanabara, onde o Cristo Redentor, de braços abertos, vai receber nas alturas culminantes da capital fluminense, o sagrado símbolo desta amada terra.

E lá, na vastidão costeira do Atlântico Brasileiro, a Marinha postar-se-á com centenas de barcos, que estarão com os pavilhões desfraldados numa homenagem aos vultos de Tamandaré e de Barroso, exemplos maiores das nossas glórias nos mares e nos rios, quando dos conflitos do passado.

Em alguns lugares, os vexilários da Pátria estarão desfilando durante as paradas cívico-militares, com garbo, desprendimento, alvoroço nacional.

Mas, para homenagear a Bandeira do Brasil não basta exaltá-la.

Preciso é sim, ajoelharmos junto ao altar desta Nação, num culto especial, numa visita simbólica ao Panteão dos heróis; daqueles que empunhando e desfraldando a bandeira dos bravos, lutaram e tombaram, tendo-a como mortalha, no instante supremo do sangue derramado em holocausto ao estremecido solo pátrio. Assim foi com Marcílio Dias, com Antonio João, com os imortais da Retirada de Laguna, odisséia esta descrita por Taunay, feitos exaltados e sublimados no verbo de Dom Aquino Corrêa, naquela oração patriótica que proferiu em Mariana, quando da recepção da esfarrapada, velha e rica bandeira do 17º Batalhão dos Voluntários de Minas. É dessa bandeira pois, que posta ao sol e à tempestade, que das refregas voltou respingadas do sangue desses mártires, muito mais dela, cumpre-nos lembrar sua jornada amanhã, como lábaro augusto que saiu da Pátria e voltou à Pátria, trazendo em suas dobras estrelinhas vermelho-escuras, gravadas a sangue nacional, mais se assemelhando lindas pérolas a condecorarem a bandeira dos bravos. E foi Dom Aquino, que ao vê-la assim marcada a pingos rubros, quem a enalteceu com mais pompas, com mais brilhantismo, com mais elegância, com toda a força do seu sentimento espiritual e patriótico. E, lembrar o príncipe, quando das exortações à mocidade, é reaviver o arrebatamento — a mística patriótica — é reforçar nossos incentivos às gerações novas, que em vez de se embriagarem nas tendas escusas dos tóxicos, onde se mercadejam a morte, melhor seria nessa bela data de amanhã, afogarem-se todos esses jovens brasileiros, em ondas de patriotismo, com as bandeiras desfraldadas, desfilando pelos caminhos serenos do ideal, em defesa deste Brasil rico e sofrido.

Esta, nossa esperança na juventude de hoje — esta, nossa mensagem ao Pavilhão Nacional para as suas galas nas festas de amanhã.

Grato, sobretudo grato pois, estou, à Mesa Diretora desta Academia pela escolha de tão magna data para consumação deste Ato.

SENHORES! Em mim é tudo simples — deveras modesto, até na origem. Nasci no então 3º Distrito Cuiabano, na Vila de Várzea

Grande, mas passei toda a minha juventude em Cuiabá, onde completei meus estudos preparatórios e servi o Exército Nacional. Dessa quadra juvenil ficaram-me recordações de rapazes e moças que viveram no Porto de então e que se projetaram, sendo alguns ainda hoje, eminentes membros desta academia.

Regressando do Rio de Janeiro, onde concluí um curso de oficial na Polícia Militar, habituei-me a pesquisar, apegando-me aos livros, mormente de autores Mato-grossenses. Por motivos que desconheço, havia obstinação em mim, que me levava a palmilhar aos tropeções, é certo, esse caminho que bem poucos têm percorrido, por ser ingrata a jornada, embora lindos e perfumados os renques floridos que bordam a estrada do nosso passado sobremodo lendário. O tempo levou-me a conhecer intelectuais que brilharam nesta casa e que já partiram e, ainda hoje, estes que a enfloram e a engrandecem com suas produções literárias e singular representatividade... Depois escrevi alguns trabalhos e tentei incluir a genealogia dos Barros, dos Campos, e dos Monteiros. Tropecei nos obstáculos. Não é fácil remontá-las através das pesquisas locais. Faltou-me bagagem cultural, a paciência de um Luiz-Philippe, esse abnegado Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso que, pervagando difíceis caminhos, pode, com o insigne, Dr. José de Mesquita, plantar a árvore genealógica dos Pereira Leite, e publicando estudos sobre a genealogia dos Aquino Corrêa. Admirável também o zelo com que se houve a Acadêmica Maria de Arruda Müller, quando do lançamento do seu esboço genealógico "Família Arruda". Assim, para citar estes exemplos entre outros.

Continuava divulgando minhas produções modestamente, sem pensar na crítica, nem em méritos na área da cultura. Este ano porém, sugeriram-me candidatas a uma vaga na casa e o fiz. Relutara tanto e, repentinamente, tomava essa decisão.

E eis que, numa tarde morna de 6 de junho, os nobres membros desta Academia conferem-me o augusto direito de ocupar nela uma cadeira. Outorgada pois, a graça, aqui estou entre a inibição e o júbilo, porém, emocionado e deveras agradecido. Cumpru-me ficar com os ensinamentos do passado: Quem não se orgulha das promoções conquistadas e dos troféus recebidos, não os merece.

E, não há negar, sinto-me envaidecido...

Continuarei rebuscando os arquivos, pois neles tenho garimpado pepitas que andavam enriquecendo a história do passado distante e que confirmavam a dura lide dos antigos e denodados bandeirantes, na conquista da terra; e dos capitães-generais, no domínio e administração das mesmas...

Tempos difíceis — velhos tempos... Gente que passou ~ brava gente...

Os historiadores do passado perlustraram esses itinerários e nas últimas décadas do século XIX, o Patrono cadeira 27, desta Academia, viveu a época do após guerra do Paraguai, da abolição da escravatura e da mudança do regime político no País, quando Theodor proclamou a republica.

Essa cadeira nº 27 tem pois, como Patrono, o Advogado José Barnabé de Mesquita (Sênior), que nasceu em Diamantino a 7 de março de 1.855. Era ele filho do capitão Barnabé de Mesquita Moniz e de Dona Maria Rita de Mesquita.

Entretanto, este capitão desapareceu relativamente cedo, deixando a viúva, três filhas pequenas, e o garoto José Barnabé de Mesquita (Sênior).

Sendo este o único filho varão, ainda garoto teve que enfrentar a vida e então acomodou-se num emprego em casa comercial, sustentando mãe e irmãs. Mais tarde consegue trabalhar por conta própria, acumulando pequena economia.

Diamantino, a rica região Mato-grossense, que o inesquecível professor e acadêmico Francisco Ferreira Mendes exaltou em suas crônicas, entrou em decadência e José de Mesquita mãe e irmãs, transferiram-se para Cuiabá, onde o jovem foi guarda-livros e, a seguir, advogado provisionado, ocupando os auditórios da comarca da capital.

Nessa fase tornou-se político liberal, abolicionista e republicano, professor da latim, inspetor escola, auditor de guerra e procurador Fiscal do Tesouro. Em maio de 1.891, desposou ele a senhorita Maria de Cerqueira Caldas e no ano seguinte 10 de março — nasceu seu único filho, que recebeu o nome de José de Mesquita.

Cinco meses depois, com 37 anos de idade, falece este advogado diamantinense, que viria a ser, já neste século, o patrono da cadeira que, com muita honra, devo ocupar.

Seu filho recebeu esmerada educação, tornando-se uma das maiores expressões culturais de Mato Grosso, presidindo esta Academia durante vários anos.

A primeira ocupante da Cadeira nº 27, a única até então, vinha sendo a professora Ana Luiza Prado Bastos, que, na década de vinte, foi tesoureira do ainda centro Matogrossense de Letras. Mas, em 1.932 a entidade cultural passou a denominar-se Academia Matogrossense de letras, com 30 membros e em 1.945, para padronizá-la, mais dez cadeiras foram criadas, consumando-se a posse de acadêmicos residindo no sul do estado, a esse tempo de transferência difícil, de cidade para cidade.

A Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos prestava seus serviços em Campo Grande, durante as décadas de trinta e de quarenta e só a 6 de setembro de 1.946, pode vir à capital, quando reafirmou sua posse.

Nasceu ela em Cuiabá, no dia 24 de agosto de 1.898, e diplomou-se pela Escola Normal “Pedro Celestino” em 1.917, passando a exercer o magistério aqui, em Três Lagoas e, a partir de 1.932, em Campo Grande. .

Filha de Egídio da Silva Prado e de Dona Regina Leverger Corrêa Prado, revelou-se estudiosa e responsável, desde menina. Inclinada às letras, dona de um estilo delicado, cedo passou a colaborar com revistas e jornais de MT, participando dos encontros lítero-musicais contribuindo, mormente nos espaços culturais de Campo Grande, com palestras cujos temas fundamentais visavam a educação no seio de uma sociedade, que também fora outrora sóbria e requintada. Foi ela com Maria Dimpina, Marianinha Póvoas, Maria de Arruda Müller, Regina Prado e outras, as fundadoras do Grêmio Literário “Julia Lopes”, de elevado nível cultural nas décadas de vinte e de trinta, bem divulgado no âmbito da sociedade Matogrossense: Com o pseudônimo de Zilá Donato, colaborou Ana Luiza nas colunas de famosa revista “A Violeta”, que circulou nas décadas de 20, 30 e 40, quando suas tiragens esgotavam-se dada sua aceitação no âmbito das elites das principais cidades de MT.

Em Campo Grande, como colunista de “Folha da Serra”, usava o pseudônimo de Delorme Vaz. Nesse órgão da cidade Morena divulgou ela trabalhos interessantes. Entre amigas e familiares fora muitíssimo conhecida como a PROFESSORA GALEGA.

Na velhice fora a senhora austera, respeitada, de belos predicados, frutos da rígida educação de berço, a que a sociedade-elite de Cuiabá de outrora, se sujeitava.

Das palestras que proferiu, mormente em Campo Grande, onde ela viveu por mais tempo, destacamos trecho de uma programada para a “Semana da Criança”, em 1934. Ali era ela esperada com interesse especial, pelas suas colegas campo-grandenses e convidados.

O Tema proposto era “Carinhos Maternos”, que a certa altura ela assim descreve: “Carinhos maternos! revelação 5ublime do amor de mãe! desse amor imensurável, desse amor indizível, desse amor inquebrantável que nasce com as primeiras manifestações vitais do ser; cresce aos primeiros vagidos da criança, fortalece e se aprofunda com o suceder dos dias, sejam elas bonançosos, de céu azul e mar de rosas, ou procelosos, de vagas encapeladas, toldadas de chumbo, desse amor que sobrevive à mudez marmórea do sepulcro, impotente na sua obra destruidora, para só desaparecer com o cessar de bater rítmico do coração de mãe, dessa fonte inexaurível de bondade e ternura, de paciência e abnegação, de amor e de perdão! Amor materno! sentimento divino concedido, prodigamente pelo Criador à espécie animal e tanto mais forte, profundo e intenso, quanto mais perfeitos são os seres por ele ligados! Ora, se o amor tem o poder mágico de transformar em altas qualidades os defeitos e senões do objeto amado, como poder do amor materno que é o mais poderoso, o mais forte, o mais sincero, o mais sublime de todos os amores, fugir a essa lei geral da psicologia humana”..

Palestras diversas foram proferidas pela Acadêmica Ana Luiza, mas, depois dela e de Maria de Arruda Müller, levou muito tempo para que outras mulheres viessem tomar assento numa cadeira da Casa Barão de Melgaço. Assim, só na presente década duas intelectuais voltaram a ocupá-las: as escritoras Vera Randazzo e Maria Benedita Deschamps Rodrigues, ambas de respeitáveis prendas e de muita produção na área da cultura matogrossense.

A Professora GALEGA desapareceu, mas, já aos 82 anos de idade, estando no Rio de Janeiro, ainda escreveu uma poesia sobre o centenário de falecimento do Barão de Melgaço (seu bisavô), sob o título: AUGUSTO LEVERGER.

Esta Acadêmica não deixou livros, eis que editá-los em tempos idos não era fácil e, ainda hoje, raramente nos é dado encontrar patrocínio. Nos seus anos de juventude a capital matogrossense era carente de tudo, menos de cultura, uma vez que a força de vontade desses cuiabanos e cuiabanas do passado garantiu, através de sociedades culturais e nas colunas de jornais e revistas, a continuidade do desenvolvimento intelectual em Mato Grosso.

Pode-se afirmar, não obstante agremiações outras que surgiram antes, que Cuiabá e todo o Estado conquistaram maiores e mais sólidos espaços culturais, depois do funcionamento dos seus dois famosos estabelecimentos de ensino médio: o Liceu Cuiabano e o Salesiano, a despeito de já existir o não menos conceituado Seminário da Conceição desde 1854. Mais tarde, em 1911, a Escola Normal Pedro Celestino veio trazer luzes às jovens cuiabanas e o sexo feminino passou a conquistar espaços mais amplos no âmbito da cultura estadual.

Estevão de Mendonça, para citar um dos primeiros, em suas "Datas", registra fases de fundações oriundas de épocas diferentes. Como ele outros luminares da cultura matogrossense, citam exemplos de tertúlias que se transformaram em sociedades culturais, a partir das derradeiras décadas do século passado.

Ultimamente, Lenine Póvoas, em História da Cultura Matogrossense reuniu aspectos (síntese) do passado cultural em nosso Estado, eis que não podia fazê-lo detalhadamente num só volume impresso.

Em decorrência do funcionamento das três escolas citadas, o mais elevado grau de ensino no centro-oeste até há pouco, muitos matogrossenses ganharam os espaços litorâneos e freqüentaram uma de nível superior. Assim, na última década do século XIX, alguns cuiabanos retornaram ao berço de origem, diplomados em ciências jurídicas, medicina, engenharia, odontologia e mais.

Várias inteligências brilhantes, oriundas dessas escolas secundárias do passado, não puderam prosseguir seus estudos em faculdades metropolitanas. Entretanto, muitos dos que ficaram tornaram-se revelações, a partir do início deste século de tantas transformações na face da terra e no mundo sidério.

Faltou-lhes uma escola superior, mas não lhes falecera a . força de vontade e, como autodidatas, completavam-se para o exercício de suas profissões, e alguns deles imortalizaram-se como membros desta Academia de Letras.

Mas, além de Lenine e de Estevão de Mendonça, que escreveram a respeito do progresso alcançado na área cultural, no decurso deste século, vários acadêmicos cuiabanos e outros aqui radicados promovem, na atualidade, a dilatação dos espaços culturais, mormente na esfera da história deste promissor Estado de Mato Grosso. Assim, nas colunas dos jornais da Terra e nas revistas da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, encontramos, não raro, produções de Antonio de Arruda, Luis-Philippe, Corsindio Monteiro, Maria de Arruda, Arquimedes Lima, Ernesto Borges, Othayde Jorge, Benedito Dorileo, Silva Freire, João Antonio Neto, Raimundo Pombo, Sebastião Carlos, Dunga, Jucá, Aduato, Vera Randazzo, Natalino, Amarilha e outros; além de intelectuais pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico. Dos trabalhos publicados nesta década, reunidos em livros e opúsculos a nível cultural esmerado, mereceu destaque e a crítica acolheu, pela oportunidade e pela relevância, esse circulando pelo Brasil afora, falando do centenário de nascimento de Dom Francisco de Aquino Corrêa, da lavra do ilustre Acadêmico Corsindio Monteiro da Silva, datado de 1985.

Inserimos aqui, homenagem especial a cuiabanos eruditos da “Terra Agarrativa e Linda”, que assinalados serviços prestaram na área da cultura desta heróica Cidade Verde, quando andavam eles na plenitude dos anos: GERVASIO LEITE e BENJAMIM DUARTE, cujas penas continuam em recesso forçado...

Falamos dos vivos, eis que a folha de serviços dos imortais que passaram é sobremodo longa para ser mencionada na ocasião.

Todavia, deveu-se a consolidação dos eventos no campo das letras em nosso Estado, ao retorno à Cuiabá de duas proeminentes figuras do mundo intelectual: o Padre Francisco de Aquino Corrêa em 1910, e o Dr. José de Mesquita em 1913, ano em que a Professora Ana Luiza iniciava o curso secundário na Escola Normal, que a essa altura contava com primoroso corpo docente. Diplomada professora nos meses de após “Caetanada”, entrou ela para o magistério justamente quando o então Bispo Aquino Corrêa assumia o governo de Mato Grosso.

Criado o Instituto Histórico em 1919, e, quase três anos depois, o Centro Matogrossense de Letras, cumpria preencher as cadeiras e nomes ilustres foram indicados. A seguir vieram as inscrições e na foto dos 24 primeiros membros, posta em moldura

pendente da parede da sala de entrada desta Casa de Barão do Melgaço, figura a da professora Ana Luiza Prado Bastos, como Tesoureira da Entidade.

Entretanto, dois vultos eram responsáveis pelos eventos culturais: Dom Aquino Corrêa (Arcebispo em 1.922) e o Dr. José de Mesquita, que presidiu a Casa durante longos anos. Os dois Centros de Letras, realmente, vieram como que regulamentar e disciplinar a nossa cultura até então dispersa, consolidando-a com a reunião de um acervo histórico que esteve prestes a desaparecer. Iniciadas as atividades no Centro, a professora Ana Luiza acompanhava-lhe a trajetória, escrevendo em jornais e revistas, participando dos encontros litero-musicais e de outros afinados com a elite nos meios culturais da década de vinte. Eis pois, a jovem professora com pouco mais de vinte anos, dedicada, ao lado de outras intelectuais, entre as quais despontava na época a poetisa Maria de Arruda Müller, também diplomada peja Escola Normal “Pedro Celestino” e que, em 1.931, tomou posse no Centro, ocupando a Cadeira nº 7, quando colaborava com o matutino “Folha da Serra” e a revista a “Violeta”. Assim, durante as décadas de 30 a 70, até 1.982, somente essas duas cadeiras (a de nº 7 e a 27) foram ocupadas neste Sodalício por intelectuais do sexo feminino.

Entretanto, durante essa fase vivida pelas duas acadêmicas numa Cuiabá pequena mas, dona de uma sociedade requintada e exigente, outras grandes professoras — a maioria falecida — foram renomadas mestras, que também cursaram essa Escola Normal, tornando-se responsáveis pela formação básica de muita gente culta dos nossos dias.

SENHORES! PREZADAS SENHORAS!

A acadêmica ANA LUIZA PRADO BASTOS faleceu aos 87 anos de idade, em 7 de março de 1.986. Ocupou ela esta Cadeira nº 27 durante cerca de seis décadas, mais de metade de uma longa vida de operosidade e de paz íntima, a serviço do magistério e das letras, nas duas maiores cidades do Mato Grosso de então: Cuiabá e Campo Grande. Segundo membros deste solidalício, foi ela a primeira mulher a ocupar espaço num centro de Letras deste País.

Cumpriu-me pois, tomar assento na mesma cadeira ora vaga.. .

Li alhures, e bem não me recordo onde e quando, que nas Academias de Letras não há substituições, mas tão somente

sucessões.

“Que o valor, o brilho da pena do acadêmico desaparecido continuará inapagável . . . mormente nos trabalhos literários que tenha produzido e que a posteridade possa preservar”.

É nem poderíamos falar em imortalidade se assim não fosse.

Aqui não estou então, a substituir a Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos mas, a sucedê-la. Também não poderia fazê-lo como substituto, face aos peculiares dotes que exornavam sua personalidade.

É que nela sobressaía sempre o sentimento religioso, manso e terno — a pureza de coração (talvez, herança do bisavô herói), o bretão cuiabano Leverger — o Barão de Melgaço nome que por si só representa verdadeira odisséia ao longo da história do antigo e imenso Mato Grosso). Nela, pois, essas qualidades que, com a elevação do estilo natural, com toques de nobreza, fundiam-se numa unidade de profunda beleza espiritual.

Sucedê-la tem para mim, significado especial — fora ela professora — pois a mim me coube esse privilégio de também exercer o magistério durante 17 anos.

Por mim também, longo percurso foi já vencido nos estradões da vida. Quando das primeiras jornadas perdi rumos e entrei pelas veredas, não raro trilhadas por indivíduos marcados pela sordícia.

Recebi às vezes lições amargas, mas lá ficara um pouco da escola da vida, onde se aprendia muito, levando-me à meditação, quando na quietude dos aposentos.

Nesses instantes dir-se-ia estivesse emergindo das sombras, depois de uma espécie de metamorfose por que passava...

Por força do labor ou por motivos outros, exemplos existem, e que vêm de velhos tempos. Citemos um apenas.

Vitor Hugo imortalizou-se na França com suas poesias e outros notáveis trabalhos. Como poeta, não há negar, foi grande entre intelectuais de sua época. Mas, no seio das camadas populares a obra que o projetou de veras, foi seu romance “Os Miseráveis”.

Para escrevê-lo porém, misturou-se com a plebe, imiscuiu-se no covil dos marginais, freqüentando tavernas e prostíbulos, para poder imbuir-se da realidade no âmbito da humilde...

Como ele muitos escritores foram assim. Para inteirar-se

do viver dos simples, ao escrever uma obra, o autor tem que subir morros de favelas e até chafurdar-se — simuladamente na lama das tascas. Atrás das mesas dos escritórios, na doçura de nossos gabinetes particulares, de história registramos somente o que já foi escrito.

Para rascunhar meu livro de história de Várzea Grande, “No Portal da Amazônia”, nos anos sessenta, misturei-me durante meses, com gente humilde, velhos fundadores do povoado e, não raro, com indivíduos perniciosos. Naturalmente, nem sempre conseguia êxitos entre bastardos, mas interessavam-me as informações e ia buscá-las onde se me afigurasse possível obtê-las, embora me decepcionasse, com freqüência. Ora, os dias nunca foram iguais para ninguém. Uma vez as vitórias outras delas os reveses.

Nem as primeiras me envaideceram tanto, nem os segundos me desesperaram, eis que ambos são para mim, ocorrências normais no encaminhamento dos nossos destinos na face da Terra.

Essa fase de experiência passou...

Hoje o tempo me vai sendo consumido nessa faina de pesquisar.

Continuo apegado à história, mormente na do meu berço natal, essa Várzea Grande que foi Cuiabá e que se desprende como a flor do galho mas, milagrosamente, não se despetalou, nem perdeu o perfume e ambas, soberanas, notavelmente enriquecidas, continuam banhadas pelas águas do velho, maltrapilho e já esgotado Rio das Bandeiras de outrora. Como foram belos os seus anos de navegação a vapor! Como fora pródigo e poético o seu vale! Como mudou tudo nestes últimos anos! SENHORES ACADEMICOS: Antes de finalizar permitam-me falar, simuladamente, com notável Membro desta Casa de Barão do Melgaço que, embora ausente, assiste a este A.to de Posse de um recanto qualquer dos espaços siderais. Assim creio.

Seria eu sobremodo ingrato não o fizesse: — Rubens, caro amigo!

Queria-o aqui, participando desta cerimônia, trazendo no bolso a quadrinha alusiva ao acontecimento.

Indiretamente é você o responsável pela minha perenização, confirmada nesta noite de posse na mesma Academia de Letras que você honrou e na qual imortalizou-se como seu secretário perpétuo.

Quantos livros emprestou-me outrora?... — Diversos.

E neles me embebedei, como se fora em taças que depois de esvaziadas, eu as punha em suas mãos. Há nove anos, desde 1.978, depois de acompanhar a minha caminhada rude, mas firme e persistente, passou você a a insistir, convencer-me de que urgia a minha inscrição... Relutei — fugi de você muitas vezes. Não via, como ainda não descobri méritos para tamanha investidura.

Eis senão que estando você de matéria desfeita, há quatro anos, outro amigo seu e meu, agarra a lira que você deixou e vem tocar nos meus ouvidos a mesma música que eu ouvi partindo, ora da lira ora de seus lábios insistentes: — Faça sua inscrição, homem — há cadeira vaga na Academia.

Aí está Jucá, esse Cuiabano-Cearense, muito mais de comer pacú e de ouvir o pio da perdiz lá “pras” bandas da Chapada: de gostar de histórias e lendas destes rincões do oeste, que de exultar com o canto da jandaia nas encostas da Serra do Araripe; preferindo o banho frio no histórico Coxipó, a fazê-lo nas águas salgadas das belas e imensas praias da Terra de Iracema.

Esse jornalista de velho “O Estado de Mato Grosso”, que o respeitável confrade Arquimedes Lima fundou e honrou desde 1.939, esse Cearense-Cuiabano, teimoso como Rubens de Mendonça, forçou o cerco. Jucá continuava o trabalho do meu saudoso amigo, logo eu, um remendão das letras. E, tanto fez, que de repente me vi transpondo os umbrais deste vetusto templo, onde não faltou para comigo, a benevolência dos vinte cinco insígnies membros da casa, que me elegeram no dia 6 de Junho deste 1.987.

Dáí pois, Jucá, cumprir a você o dever de consumir o Ato, fazendo a recepção...

Mas, como não ser grato a todos, como não me envaidecer sobremaneira, se o acontecimento não está, isoladamente, a me envolver? A honra, se me cabe, transformo-a em três homenagens especiais e as presto nesta hora magnífica do meu viver, nesta noite já quase noite do meu existir.

1º — à numerosa família Monteiro e dos Pompeos — das minhas origens — descendentes dos bandeirantes que ocuparam os sítios de Mutum e de Santana, em Nossa Senhora do Livramento/MT.

2º — à minha Várzea Grande querida, agraciada pela primeira vez na história, com uma cadeira de imortais, graça à

soberana vontade dos ilustres Acadêmicos das letras do meu Estado;

3º à Polícia Militar de Mato Grosso, como sucessor que passo a ser do Tenente Coronel Severino Ramos de Queiroz, o único miliciano já falecido, que ocupou uma cadeira neste sodalício, nos anos trinta, quarenta e cinqüenta...

Sei que é tarde, mas em minha vida tudo aconteceu depois até mesmo durante a adolescência, razão por que não devo plagiar Montalverne, o formidável orador sacro de tempos idos.

Prefiro ficar com Tagore, o grande poeta e pensador hindu que, para as Universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra, escreveu Sadhaná — a realização da vida — e, em Gitânjali — “A oferenda Lírica” — deixou impresso: — “Senhor, o tempo é infinito entre as tuas mãos”. “No dia que termina, apresso-me receoso de que a tua porta esteja fechada; mas descubro que ainda é tempo”. . . Eis o que faço.

Caminho apressadamente por ter começado tarde, mas a não ser que um golpe do destino interrompa-me a caminhada, espero que tão cedo a porta do Senhor me não fechará, eis que me sinto ainda dotado de energia para mudar de século e produzir mais em nome deste Santuário das Letras — esta Academia de Dom Aquino Correa — O Areópago de José de Mesquita — O repositório do passado de lutas de tantos imortais, cuja matéria se desfez, deixando impagáveis suas memórias no Altar do Sodalício, onde rebrilha a chama do saber, como que a percorrer os séculos, transmitindo luzes às gerações que irão se renovando, enquanto a terra for parte integrante do Universo...

As honras pois. tanto quanto a mim, pertencem aos meus familiares vivos: esposa, filhos, irmãos, sogra, sobrinhos, netos e noras. A memória de meus pais falecidos nesta década, já octogenários, e a do meu inesquecível neto Danilo, consangüinidades queridíssimas, que nos deixaram viajando num mar de angústias e de saudades. A outros parentes desaparecidos nestes últimos anos, dedico este momento sobremodo honroso para mim.

Afigura-se-me ter cumprido meus deveres perante Deus, Pátria e Família, embora não o tenha feito ordenadamente, com a regularidade e a perfeita educação, que constitui o alicerce em que se assenta o sagrado edifício da cultura desta Terra.

Fi-lo porém, tranqüilo — na esfera das minhas limitações...

Por tudo sinto-me recompensado, tentando imitar Ruy: — É como se estivéssemos junto à lareira, depois da borrasca, retemperando as forças alquebradas do velho coração...

Senhor Presidente Lenine Póvoas: Ao encerrar minhas palavras cumpre-me transmitir-lhe os meus sentimentos de gratidão, pelas providências tomadas, conduzindo os trabalhos para realização desta solene sessão de posse, com a peculiar paciência, elegância e rigoroso cumprimento do programa pré elaborado.

As Autoridades presentes, aos Senhores Acadêmicos, que tanto valorizaram este Ato, o meu total reconhecimento.

A você, Jucá, que está me recebendo nesta Academia, os votos de uma feliz jornada nesta terra dos antigos bandeirantes, cujo passado de lutas, de sofrimentos e de glórias, você já conhece muito bem. As ilustres Senhoras, Senhores, Juventude que nos prestigiam nesta hora marcante para mim e para minha família, o nosso muito obrigado e que Deus ilumine os nossos destinos, durante uma longa caminhada terrena.

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>